



Brasil Duas receitas para se retomar o crescimento

Um grande choque de otimismo. Esse seria, na opinião do economista José Júlio Senna, da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, o remédio ideal para se reverter definitivamente o processo inflacionário. Entretanto, esclareceu Senna, ao falar ontem para empresários e executivos reunidos na Acrefi (Associação das Empresas de Crédito e Financiamento de São Paulo), esse choque teria de vir "de maneira que toda a sociedade acredite na firmeza do combate à inflação".

Por sua vez, o deputado federal e ex-ministro da Indústria e do Comércio Marcus Vinícius Pratini de Moraes, falando a empresários gaúchos da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul, defendeu a "imperiosa necessidade de renegociação da dívida externa e da desindexação da economia". Ele também criticou a excessiva participação do Estado na economia, afirmando que "uma das doenças do Brasil é a governite: é governo para todo lado".

A negociação da dívida externa deve ser revista, entende Pratini, pois a atual fórmula coloca o País "como exportador de capitais". Ele considera que o superávit de 12 bilhões de dólares que será alcançado este ano nas exportações, segundo previsões do governo, "é a medida da miséria nacional". Por esse canal — a exportação — "o Brasil manda seu sangue e seu suor" e esta situação só poderá ser corrigida com a renegociação da dívida. Para Pratini de Moraes, "não é possível pagar juros de 15 a 16% ao ano no Exterior, se usamos este dinheiro para bens que dão retorno de 3 a 4% ao ano". Ele apontou ainda como responsável pela sangria, as práticas de protecionismo. Pratini de Moraes também criticou a política do FMI, "que faz com que os países só queiram vender e não comprar".

Quanto à inflação, Pratini entende que "falta vontade de fazer as coisas para combatê-la". O parlamentar responsabilizou "o excesso de mecanismos criados para conviver com a inflação, com o que combatê-la passou a ser secundário".

Pratini disse ainda aos empresários que a "indexação generalizada não consegue reduzir a inflação", acrescentando que já nos tornamos "sócios da inflação". Lembrou a profusão de moedas em uso

no País, 15 no total, iniciando pela ORTN, passando pelo salário mínimo e INPC, bens de capital, dólar paralelo, para, "finalmente, chegar ao cruzeiro".

Além dessas questões, há o que ele classifica de "excesso de governo", com a centralização das decisões e muitos impostos a dificultar a ação do setor privado. "Nosso estágio é de diminuir a participação do setor público na renda nacional. A hora é de ampliar a participação do privado", salientou Pratini de Moraes, que se posicionou contrário à fixação de salários por decreto, entendendo ser mais favorável ao País o emprego de decreto para fixar salários mais baixos, deixando a livre negociação para as categorias com salários mais elevados.

Confiança

Ao explicar sua receita para a recuperação do País, o economista José Júlio Senna, da FGV/RJ, disse que para conquistar a confiança da sociedade precisamos "ter governantes, na próxima administração, que sejam visceralmente contra a inflação; que estejam firmemente dispostos a acabar com ela de uma vez por todas, para que possamos ter a tão esperada e necessária retomada do crescimento econômico.

José Júlio Senna não acredita que este ano termine com uma taxa acumulada da inflação inferior à do ano passado, que foi de 211%. Ele justificou que o combate à inflação, neste segundo semestre, ficou muito prejudicado "pelo fato de o plano de ajustamento da economia brasileira estar levando mais de quatro anos". Acrescentou que "nenhuma sociedade consegue ter sucesso com um programa tão longo". Isso porque, esclareceu, as "espectativas inflacionárias", ou seja, o fator psicológico, ficam "embutidas" no pensamento dos agentes econômicos, dificultando a queda inflação.

O professor da FGV procurou fazer uma análise da atual conjuntura econômica nacional, ressaltando que às vezes fica difícil — face ao quadro econômico e político atual — fazer projeções que avancem além do final deste ano, ou do início do próximo mandato presidencial. No entanto, ele reconheceu como resultados "fundamentais" da nossa economia uma "excepcional atuação na área externa", resultando um saldo na balança comercial que deverá ultrapassar as metas fixadas junto ao FMI; uma recuperação parcial da economia, "puxada" pelo crescimento das exportações de manufaturados. Tudo isso com um custo negativo no combate à inflação.

Senna responsabilizou o fim da centralização cambial e a adoção de medidas cambiais realistas — para as desvalorizações acompanharem o IGP, sem accidentalidades — como acertos que garantiram o desempenho do setor externo. Criticou, pelo menos para curto prazo, o retorno à discussão da desindexação, já que isso poderia pôr a perder as conquistas obtidas nas exportações.